



O arbusto sangrento (*Eneida*, III, 1-72): uma experiência de tradução decassilábica

The bloody bush (Aeneid, III, 1-72): an Experience of Decasyllabic Translation

Márcio Thamos

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, São Paulo / Brasil

marcio.thamos@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-7976-8247>

Resumo: Apresenta-se aqui uma tradução decassilábica do início do Canto III da *Eneida*, acompanhada de notas e comentários. Nesse Canto, o herói faz o relato de suas viagens pelo Mediterrâneo, e a passagem selecionada refere-se ao episódio tradicionalmente conhecido como “O arbusto sangrento” ou “O túmulo de Polidoro”, uma trama de horror, traição e violência, que se revela a Eneias quando ele aporta com seus companheiros no litoral da Trácia, após deixar as praias de Troia. A tradução segue um parâmetro de proporcionalidade métrica adotado na transposição dos hexâmetros em decassílabos, e a viabilidade de aplicação desse critério se verifica a partir dos resultados aferidos a cada parágrafo.

Palavras-chave: tradução poética; hexâmetro; decassílabo; Virgílio; *Eneida*; Polidoro.

Abstract: This paper presents a decasyllabic translation of the beginning of *Aeneid*'s Book III along with notes and comments. In this book, the hero gives an account of his travels across the Mediterranean, and the selected passage refers to the episode traditionally known as “The Bloody Bush” or “The grave of Polydorus”, a plot of horror, betrayal and violence, which is revealed to Aeneas when he and his companions land on the coast of Thrace, after leaving the beaches of Troy. The translation follows a parameter of metric proportionality adopted for the transposition of hexameters into decasyllables, and the viability of applying this criterion is verified based on the results measured in each paragraph.

Keywords: poetic translation; hexameter; decasyllable; Virgil; *Aeneid*; Polydorus.



1 Contextualização do episódio

O episódio tradicionalmente conhecido como “O arbusto sangrento” ou “O túmulo de Polidoro”, apresentado na abertura do Canto III da *Eneida*, é uma narrativa de assombro que inaugura o laborioso itinerário das viagens de Eneias pelo Mediterrâneo, após a queda de Troia. No relato, feito pelo próprio herói durante a noite do banquete em Cartago, Eneias e seus companheiros chegam ao litoral da Trácia, terra que inicialmente lhes parece favorável para estabelecer uma nova cidade.

Contudo, enquanto realiza sacrifícios em homenagem aos deuses, o herói testemunha um prodígio inquietante, que o deixa tomado de pavor: ao arrancar um arbusto de mirto, ele vê sangue escorrer das raízes e ouve uma voz vinda do solo, que clama angustiada. Esse espantoso sinal revela o espírito de Polidoro, filho de Príamo, que havia sido cruelmente assassinado pelo rei trácio, seu anfitrião. O jovem príncipe troiano, fortuitamente enterrado à borda do mar, sem qualquer decoro ritual, manifesta-se como uma alma inconsolável que não encontra paz, e sua revelação macabra é um aviso de que aquelas terras estão maculadas pela cobiça e pela traição, sendo um lugar impróprio para acolher o novo lar que Eneias pretende para seu povo.¹ A cena, carregada de simbolismo, antecipa os desafios éticos e as desventuras que acompanharão o herói ao longo de seu caminho, deixando-lhe uma advertência: mesmo em terras onde esperam segurança, os troianos devem estar atentos às traições, mantendo-se alertas para seguir com seu destino.

Consternados pelo terrível prodígio, Eneias e seus companheiros realizam cerimônias fúnebres, concedendo a Polidoro a derradeira dignidade que lhe havia sido negada. Só depois de terem prestado as devidas honras ao infortunado filho de Príamo é que abandonam o solo

¹ A versão da lenda de Polidoro contada na *Eneida* afasta-se bastante do relato homérico da *Iliada* (Canto XX), em que Polidoro é morto em Troia, por Aquiles, no campo de batalha, e ressoa argumentos da *Hécuba* de Eurípides (evidentemente, sem seguir a mesma trama). Para uma rápida visão sobre as várias versões da lenda de Polidoro, confira o *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* de Pierre Grimal (2005) e, para mais informações e comentários específicos sobre o episódio, consulte a *Enciclopédia virgiliana* (Corte, 1984-1991).



trácio para prosseguir em viagem, entendendo que sua busca por uma nova pátria deverá continuar até que possam obter alguma confirmação divina sobre a terra desejada. Assim, “o episódio do arbusto sangrento” desfia o tema da *pietas* troiana, tornando-se uma alegoria da fidelidade ao reforçar os ideais de justiça e humanidade que o herói em sua jornada representa.

2 Sinopse dos parágrafos traduzidos

1. *Ílion destruída, os troianos lançam-se ao mar* (hex. 1-12 : dec. 1-18). Após a devastação de Troia, com a cidade reduzida a ruínas, Eneias e seus companheiros são compelidos ao exílio em remotas terras por augúrios divinos e constroem uma frota próximo de Antandro, no sopé do monte Ida. Sem saber qual seria o seu destino, preparam a partida. Chegando o verão, o patriarca Anquises dá a ordem de zarpar. Comovido, o herói deixa para trás os litorais da pátria.

2. *Os troianos seguem para a Trácia, onde Eneias funda uma cidade* (hex. 13-18 : dec. 19-26). Em uma terra cultivada pelos trácios, os troianos outrora costumavam contar com grande hospitalidade. Eneias, agora, segue para lá e constrói na praia as primeiras muralhas de uma nova cidade para seus companheiros.

3. *Ao arrancar um arbusto que sangra, o herói ouve a voz de Polidoro* (hex. 19-48 : dec. 27-68). Durante um sacrifício dedicado aos deuses, Eneias busca, em um monte próximo, ramos de mirto para adornar os altares. No entanto, ao arrancar um arbusto, ele se depara com uma aterrorizante visão: das raízes rompidas, escorre um sangue purulento. Em nova tentativa, o prodígio se repete. Temendo esse presságio, o herói roga às divindades que afastem o mau agouro. Ao insistir em puxar um terceiro arbusto, ele ouve uma voz que sobe das entranhas do monte e o adverte a deixar aquelas praias: era o troiano Polidoro, que ali estava enterrado, o corpo trespassado de lanças em ramos convertidas. Diante da sinistra revelação, Eneias fica paralisado pelo espanto.

4. *Príamo confiara o filho a um rei trácio, que o matara; os troianos resolvem abandonar aquelas terras, mas antes fazem o funeral de Polidoro* (hex. 49-68 : dec. 69-97). Príamo enviara Polidoro, secretamente e com uma grande quantidade de ouro, para criar-se junto



a um rei na Trácia, quando Troia estava sitiada e a situação se tornava desesperadora. Com a vitória de Agamêmnon, o rei aliado traiu a confiança de Príamo, assassinando Polidoro e roubando-lhe as riquezas. Eneias, após o choque e a revelação do crime, conta o ocorrido a seu pai e aos líderes troianos. Todos concordam que devem abandonar as terras da Trácia. Realizam então o funeral de Polidoro e se despedem honrosamente do jovem príncipe.

5. *Na primeira oportunidade propícia, os troianos se afastam dos litorais da Trácia* (hex. 69-72 : dec. 98-102). Tão logo o mar se mostra seguro, os troianos preparam os navios e, aproveitando os ventos favoráveis, sem demora, deixam o porto e seguem viagem.

3 Sobre a tradução

A passagem em foco integra um projeto literário que visa produzir uma tradução da *Eneida* que se possa reconhecer como naturalmente contemporânea, sem, no entanto, perder de vista nossa rica tradição épica. Assim, opta-se pelo uso do decassílabo como padrão métrico, uma escolha que evoca a estrutura rítmica marcante da epopeia clássica na poética luso-brasileira. Nesse modelo métrico, o decassílabo heroico, com seu acento característico na sexta sílaba, é adotado como padrão dominante. No entanto, a fim de conferir maior viabilidade expressiva ao texto, a tradução também admite o uso do decassílabo sáfico, variante tradicional ao heroico em que os acentos recaem na quarta e na oitava sílabas. Essa escolha oferece maior versatilidade rítmica, permitindo explorar diferentes cadências e efeitos sonoros capazes de enriquecer a experiência estética proporcionada pelo texto traduzido.

É importante destacar que o objetivo desse projeto não é, de forma alguma, desconsiderar ou contrapor-se às diversas abordagens tradutórias que têm sido propostas e desenvolvidas atualmente como interessantes possibilidades. A tradução é um campo diverso e dinâmico, em que múltiplas interpretações e soluções podem coexistir, cada uma trazendo



contribuições significativas para a recepção de uma obra clássica.² Neste caso específico, o que se busca é explorar e atualizar um modelo já consagrado pela tradição épica do vernáculo: o decassílabo. Esse tipo de verso, com sua simetria e musicalidade inerentes, estabeleceu-se – a partir de uma longa prática, estimulada e propagada por grandes poetas em nossa tradição literária – como o correspondente métrico do hexâmetro datílico, modelo estruturante das epopeias da Antiguidade clássica. Ao adotar o decassílabo como padrão, o referido projeto de tradução da *Eneida* visa não apenas homenagear essa tradição, mas também testar sua vitalidade e sua capacidade de sensibilizar o leitor contemporâneo. A intenção é verificar como esse modelo métrico, que já serviu de base para traduções de referência, pode ser renovado, mantendo-se idealmente fiel ao espírito da obra de Virgílio, mas abrindo-se também para novas possibilidades estéticas e interpretativas, em consonância com o tempo presente.

Nessa experiência de tradução, aplica-se um padrão de proporcionalidade métrica entre hexâmetros e decassílabos, com base em um cálculo simples que leva em consideração o número médio de sílabas em cada verso. O hexâmetro datílico, verso característico da poesia épica greco-romana, pode variar entre treze e dezessete sílabas,³ dependendo da combinação de seus elementos constitutivos, os pés métricos. Esses pés podem ser, basicamente, dátilos, compostos por uma sílaba longa seguida de duas breves, ou espondeus, formados por duas sílabas longas, gerando uma variação rítmica própria desse modelo métrico. O decassílabo, por sua vez, possui, em termos de quantificação silábica, uma estrutura mais regular, com dez sílabas poéticas, que variam entre tônicas e átonas. No entanto, devido à tendência natural do idioma vernáculo à paroxítonia (acento na penúltima sílaba das palavras), frequentemente há uma sílaba átona adicional após o acento regular na décima, o que faz com que o decassílabo tenha, na prática, uma média de onze sílabas.

² Nesse sentido, seria talvez pertinente levar em consideração, como cotejo complementar, uma outra experiência de tradução do episódio de Polidoro, realizada a partir da noção de literalidade proposta por Berman (cf. Thamos, 2025).

³ Considerando-se, nesse caso, a regularidade modelar do texto virgiliano, que via de regra não admite um espondeu no quinto pé do hexâmetro.



Diante dessa diferença métrica, a tradução que se propõe, de hexâmetros em decassílabos, exige uma operação relacional viável entre as duas medidas a fim de manter a proporcionalidade entre os versos. Ao observar que o hexâmetro tem, em média, quinze sílabas, enquanto o decassílabo, com a sílaba átona extra, tem onze, a relação entre os dois tipos de verso pode ser expressa matematicamente. Dividindo a média de sílabas do hexâmetro (15) pela do decassílabo (11), chega-se à fórmula de 1,363636... decassílabos por hexâmetro. Na prática, esse valor é arredondado para 1,40, o que estabelece uma proporção ideal para a transposição métrica entre os dois modelos de verso. Assim, busca-se, em números inteiros, uma correspondência aproximada de 5 hexâmetros traduzidos em 7 decassílabos. A aplicação dessa fórmula de proporcionalidade métrica procura não simplesmente uma correspondência quantitativa entre os versos, mas visa com isso preservar o fluxo poético-narrativo, contribuindo assim para manter a cada passo a fluidez relativa da tradução em sintonia com o andamento expressivo do texto-fonte.

Esse princípio de base adotado no projeto busca encontrar um equilíbrio entre o rigor métrico e a necessária flexibilidade para lidar com as particularidades da língua e da poética vernáculas e as exigências do poema em latim. Para isso, o método procura ser preciso sem, no entanto, cair em rigidez exagerada a ponto de comprometer o processo criativo ou tornar a tradução inviável. Na prática, isso significa que a razão silábica ideal de 1,40 decassílabos por hexâmetro não é aplicada de maneira mecânica ou intransigente, mas com ponderação e adaptabilidade. Assim, a cada etapa do processo, admitem-se variações em torno desse valor de referência, contanto que as oscilações não resultem, no conjunto da tradução, em um afastamento desmesurado da meta proporcional estabelecida.

Esse procedimento de controle da materialidade do texto-meta em relação ao texto-fonte tem um papel fundamental na preservação da integridade formal da tradução, evitando o que se poderia chamar de “efeito sanfona”. Esse efeito ocorre quando há expansão demasiada ou excessiva contração dos parágrafos traduzidos em relação ao texto-fonte, o que pode eventualmente distorcer o estilo do poema e seu ritmo narrativo. Ao prevenir o esgarçamento ou a contração material exagerada



do texto-meta, procura-se preservar o equilíbrio da expressão, garantindo uma cadência adequada aos efeitos de sentido proporcionados pelo andamento poético-narrativo.⁴

Por fim, considerando a densa rede de referências tecida na *Eneida*, as notas que acompanham a tradução têm como objetivo oferecer informações essenciais para a leitura, destacando rapidamente elementos variados aos quais o poema faz alusão. São dados gerais de cultura, relativos a mitologia, geografia, história, utensílios, usos e costumes da Antiguidade, entre outros aspectos relevantes para a contextualização da passagem.

4 Texto latino (*Aeneis*, III, 1-72)⁵

“Postquam res Asiae Priamique euertere gentem
immeritam uisum superis, ceciditque superbum
Ilium et omnis humo fumat Neptunia Troia,
diuersa exsilia et desertas quaerere terras
auguriis agimur diuom, classemque sub ipsa
Antandro et Phrygiae molimur montibus Idae,
incerti quo fata ferant, ubi sistere detur,
contrahimusque uiros. Vix prima inceperat aestas
et pater Anchises dare fatis uela iubebat,
litora cum patriae lacrimans portusque relinquo
et campos ubi Troia fuit. Feror exsul in altum
cum sociis natoque penatibus et magnis dis.
Terra procul uastis colitur Mauortia campis
(Thraces arant) acri quondam regnata Lycurgo,
hospitium antiquom Troiae sociique penates
dum fortuna fuit. Feror huc et litore curuo
moenia prima loco fatis ingressus iniquis

⁴ Esse princípio foi apreendido e adotado sobretudo a partir da tradução do Canto I da *Eneida*, apresentada juntamente com ensaios que analisam o texto latino do ponto de vista de sua expressão poética, no livro *As armas e o varão* (Thamos, 2011).

⁵ A tradução segue o texto estabelecido por Henri Goelzer para as edições *Les Belles Lettres* (Virgile, 1959), em cotejo com a edição comentada por John Conington (Virgil, 2011) e a edição crítica de Gian Biagio Conte (Vergilius Maro, 2009). No trecho selecionado, nenhuma diferença entre as edições pareceu relevante a ponto de se considerar alguma variante de sentido no processo de tradução.



Aeneadasque meo nomen de nomine fingo.	
Sacra Dionaee matri diuisque ferebam	
auspibus coeptorum operum, superoque nitentem	20
caelicolum regi mactabam in litore taurum.	
Forte fuit iuxta tumulus, quo cornea summo	
uirgulta et densis hastilibus horrida myrtus.	
Accessi uiridemque ab humo conuellere siluam	
conatus, ramis tegerem ut frondentibus aras,	25
horrendum et dictu uideo mirabile monstrum.	
Nam quae prima solo ruptis radicibus arbos	
uellitur, huic atro liquontur sanguine guttae	
et terram tabo maculant. Mihi frigidus horror	
membra quatit gelidusque coit formidine sanguis.	30
Rursus et alterius lentum conuellere uimen	
insequor et causas penitus temptare latentis:	
ater et alterius sequitur de cortice sanguis.	
Multa mouens animo Nymphas uenerabar agrestis	
Gradiumque patrem, Geticis qui praesidet aruis,	35
rite secundarent uisus omenque leuant.	
Tertia sed postquam maiore hastilia nisu	
adgredior genibusque aduersae obluctor harenae,	
(eloquar an sileam?) gemitus lacrimabilis imo	
auditur tumulo et uox reddita fertur ad aures:	40
“quid miserum, Aenea, laceras? iam parce sepulto,	
parce pias scelerare manus. Non me tibi Troia	
externum tulit aut cruor hic de stipite manat.	
Heu fuge crudelis terras, fuge litus auarum:	
nam Polydorus ego. Hic confixum ferrea textit	45
telorum seges et iaculis increuit acutis”.	
Tum uero ancipiti mentem formidine pressus	
obstipui steteruntque comae et uox faucibus haesit.	
Hunc Polydorum auri quondam cum pondere magno	
infelix Priamus furtim mandarat alendum	50
Threicio regi, cum iam diffideret armis	
Dardaniae cingique urbem obsidione uideret.	
Ille, ut opes fractae Teucrum et Fortuna recessit,	
res Agamemnonias uictriciaque arma secutus	
Fas omne abrumpit; Polydorum obruncat, et auro	55
ui potitur. Quid non mortalia pectora cogis,	



auri sacra fames? Postquam pauor ossa reliquit,
delectos populi ad proceres primumque parentem
monstra deum refero, et quae sit sententia posco. 60
Omnibus idem animus, scelerata excedere terra,
linqui pollutum hospitium et dare classibus Austros.
Ergo instauramus Polydoro funus: et ingens
aggeritur tumulo tellus; stant manibus arae,
caeruleis maestae uittis atraque cupresso, 65
et circum Iliades crinem de more solutae;
inferimus tepido spumantia cymbia lacte
sanguinis et sacri pateras, animamque sepulcro
condimus et magna supremum uoce ciemus.
Inde ubi prima fides pelago, placataque uenti 70
dant maria et lenis crepitans uocat Auster in altum,
deducunt socii nauis et litora complent.
Prouehimur portu terraeque urbesque recedunt.

5 Tradução (*Eneida*, III, 1-72)

“Depois que d’Ásia⁶ o poderio e a gente
de Príamo,⁷ que tal não merecia,
aprouve aos altos deuses arruinar,
caiu Ílion soberba, e desde o chão
é só fumaça a netunina Troia,⁸ 5
sinais divinos fazem-nos buscar
desertas terras e remoto exílio;
e ao pé de Antandro,⁹ junto ao Ida frígio,¹⁰
nossa frota ali mesmo construímos;
desconhecendo aonde nos levasse 10
ou onde nos daria pouso o fado,
juntamos os guerreiros. O verão

⁶ *Ásia*: por inclusão, designa Troia (sinédoque reversa, isto é, o todo pela parte).

⁷ *Príamo*: o rei de Troia ao tempo da guerra.

⁸ *A netunina Troia*: Netuno havia tomado parte na construção das muralhas da cidade.

⁹ *Antandro*: cidade a sudeste de Troia.

¹⁰ *Ida frígio*: monte da região de Troia (chama-se também Ida uma célebre montanha da ilha de Creta).



apenas começava e o pai Anquises
mandava darmos logo vela aos fados.
Choroso, deixo a pátria para trás 15
– praias, portos, planície onde foi Troia.
Feito exilado, ao mar me entrego, e vamos
filho, amigos, Penates,¹¹ grandes deuses.
Uma terra marcial de vastos campos
é cultivada ao longe pelos trácios, 20
regida outrora por Licurgo acerbo,¹²
de Troia antigo abrigo e solidários
Penates quando então fortuna havia.
Vou para lá e fundo na baía
as primeiras muralhas – fado atroz! – 25
e forjo o nome Enéiadas¹³ do meu.
Oferendas à mãe dioneia¹⁴ eu dava
e aos deuses pelo auspício deste início;
e dos celícolas ao rei supremo¹⁵
imolava na praia um touro esplêndido. 30
Por acaso ali perto havia um monte,
e, no alto, ramos de corniso e, de hastes
densas repleto, um eriçado mirto.
Acerquei-me e, ao tentar puxar do chão
um verdejante arbusto que cobrisse 35
com seus frondosos ramos os altares,
vejo um horrendo e assustador prodígio.
Com efeito, ao puxar do chão a planta,
goteja da raiz rompida um sangue
escuro, que de pus corrompe a terra. 40
De horror um calafrio me faz tremer,
e de espanto o meu sangue se congela.

¹¹ *Penates*: divindades protetoras da pátria e da família – os grandes deuses não se distinguem dos Penates, como informa H. Goelzer (Virgile, 1926, p. 277).

¹² *Licurgo acerbo*: um antigo rei da Trácia que se opôs violentamente a Baco e foi punido por sua impiedade.

¹³ *Enéiadas*: nome que designa os companheiros de Eneias e seus descendentes (no contexto, naturalmente estaria relacionado aos habitantes da pretendida cidade).

¹⁴ *Mãe dioneia*: Vênus (filha de Dione).

¹⁵ *Dos celícolas o rei supremo*: Júpiter.



Tento arrancar de novo de outro arbusto
uma vara flexível e entender
perfeitamente as causas do mistério: 45
deste outro também corre o sangue escuro.
Perturbado, às agrestes Ninfas peço
e a Gradivo,¹⁶ que guarda os campos géticos,¹⁷
tais visões em propícias se transformem
e se afaste, conforme o rito, o agouro. 50
Mas quando uma terceira planta agarro
e, joelhos na areia, faço esforço
(devo dizer ou devo me calar?),
vem do fundo do monte um triste pranto,
e uma voz chega assim aos meus ouvidos: 55
“Por que dilacerar um infeliz?
Eneias, deixa em paz o sepultado,
deixa de macular as mãos piedosas!
Nem Troia fez de mim estranho a ti,
nem é do tronco que este sangue emana. 60
Ah, foge destas terras tão cruéis
e foge deste avaro litoral!
Pois eu sou Polidoro,¹⁸ aqui varado;
seara férrea me cobriu de dardos
e em agudas vergôntes se formou”. 65
Em duplo espanto, a mente acabrunhada,
fiquei estarecido, arrepiado
o cabelo, e a voz presa na garganta.
A Polidoro outrora, às escondidas,
carregado com grande peso de ouro, 70
o infeliz Priamo enviara
para criar-se junto ao rei da Trácia,¹⁹
quando, em armas dardânias²⁰ já descrente,
via a cidade envolta em cerco incerto.

¹⁶ *Gradivo*: epíteto de Marte (grande deus daquelas terras).

¹⁷ *Géticos*: dos getas (povo da Trácia).

¹⁸ *Polidoro*: um dos filhos mais novos de Priamo.

¹⁹ *Rei da Trácia*: este seria Polimestor, genro de Priamo.

²⁰ *Dardânias*: o mesmo que troianas (adjetivo derivado do nome de Dárdano, antigo rei de Troia).



Aquele, assim que os teucros ²¹ se alquebraram e a Fortuna lhes deu as costas, segue de Agamêmnon ²² as armas vencedoras: fere a justiça, abate Polidoro e do ouro se apodera com violência.	75
Ao peito humano quanto não obrigas, imortal e maldita fome de ouro!	80
Depois que o espanto me deixou os ossos, aos chefes escolhidos pelo povo conto, e a meu pai primeiro, tais prodígios dos deuses e lhes peço o parecer.	85
Todos querem partir da terra infame, do albergue impuro, e dar à frota os Austros. ²³ A Polidoro um funeral fazemos, e amontoa-se terra sobre o túmulo.	
Erguem-se as tristes aras para os Manes, ²⁴ fitas azuis, sombrio cipreste as ornam, e as mulheres ilíacas em torno, cabelos soltos, seguem o costume.	90
Ofertamos em cimb ²⁵ espumantes leite tépido e, em páteras, ²⁶ sagrado sangue; encerramos a alma no sepulcro, e em voz alta o chamamos num adeus.	95
Assim que o mar está confiável, e águas calmas os ventos dão, e num sussurro um Austro ao largo chama, os companheiros tiram naus e enchem praias; porto afora vamos: terras, cidades retrocedem.	100

6 Análise dos dados proporcionais

²¹ *Teucros*: outro patronímico para os troianos (derivado do nome de Teucro, antigo rei da região de Troia).

²² *Agamêmnon*: rei de Micenas, o comandante supremo dos gregos na Guerra de Troia.

²³ *Austros*: ventos do sul (aqui, uma metonímia para os ventos).

²⁴ *Manes*: as almas dos mortos.

²⁵ *Cimba*: taça em forma de barqueta.

²⁶ *Pátera*: grande taça de uso ritual.



Conforme explicitado, o projeto de tradução decassilábica da *Eneida* busca, como referência, manter uma relação de 1,40 decassílabos por hexâmetro, a fim de garantir uma correspondência métrica equilibrada entre o texto-fonte e o texto-meta. Essa razão silábica, estabelece um parâmetro de referência ao longo do processo, funcionando como uma espécie de baliza formal. Em números absolutos, essa proporção projetaria um resultado ideal no qual 101 versos decassilábicos corresponderiam aos 72 hexâmetros do trecho selecionado. Esse valor sugere inicialmente uma medida precisa que orienta a equivalência entre as duas métricas, evitando uma ampliação excessiva ou uma compressão indesejada do texto traduzido.

Contudo, quando se observa o desenvolvimento prático da tradução, notam-se variações na aplicação desse padrão proporcional. Ao analisar os dados relativos a cada um dos cinco parágrafos que compõem a passagem apresentada, constata-se que a proporcionalidade métrica não se mantém de forma absolutamente constante ao longo de todo o processo. Em vez disso, ela oscila em torno da meta de 1,40 decassílabos por hexâmetro, o que reflete a necessidade de ajustes pontuais em função das exigências específicas de cada trecho (cf. tabela).

Quadro 1: *Eneida*, III, 1-72: “o arbusto sangrento” ou “o túmulo de Polidoro”.

Parágrafos traduzidos	Correspondência dos versos	Proporcionalidade métrica
1. <i>Ílion destruída, os troianos lançam-se ao mar.</i>	hex. 1-12 : dec. 1-18	18 dec. : 12 hex. = 1,50 dec./hex.
2. <i>Os troianos seguem para a Trácia, onde Eneias funda uma cidade.</i>	hex. 13-18 : dec. 19-26	8 dec. : 6 hex. = 1,33 dec./hex.
3. <i>Ao arrancar um arbusto que sangra, o herói ouve a voz de Polidoro.</i>	hex. 19-48 : dec. 27-68	42 dec. : 30 hex. = 1,40 dec./hex.
4. <i>Priamo confiara o filho a um rei trácio, que o matara; os troianos resolvem abandonar aquelas terras, mas antes fazem o funeral de Polidoro.</i>	hex. 49-68 : dec. 69-97	29 dec. : 20 hex. = 1,45 dec./hex.



5. Na primeira oportunidade, os troianos se afastam dos litorais da Trácia.	hex. 69-72 : dec. 98-102	5 dec. : 4 hex. = 1,25 dec./hex.
1-5. Passagem completa.	hex. 1-72 : dec. 1-102	102 dec. : 72 hex. = 1,41 dec./hex.

Assim, ao analisarmos a aplicação da relação métrica proposta, observamos que, no primeiro parágrafo da tradução, 12 hexâmetros são vertidos em 18 decassílabos, resultando em uma média de 1,50 decassílabos por hexâmetro. Essa média representa um aumento de 0,10 pontos em relação à meta de referência estabelecida, indicando uma leve expansão no texto traduzido.

No segundo parágrafo, a relação se inverte, com 8 decassílabos traduzindo 6 hexâmetros, o que resulta em uma média de 1,33 decassílabos por hexâmetro. Esse resultado representa uma redução de 0,07 pontos em relação à meta, registrando uma diminuta contração no texto da tradução.

Avançando para o terceiro parágrafo, observamos que 30 hexâmetros se traduzem em 42 decassílabos, atingindo-se assim a média ideal de 1,40 decassílabos por hexâmetro. Esse parágrafo revela uma correspondência bastante equilibrada, coincidindo exatamente com a meta de referência proposta.

No quarto parágrafo, a relação muda novamente, com 29 decassílabos correspondendo a 20 hexâmetros, perfazendo a média de 1,45 decassílabos por hexâmetro, o que representa um acréscimo de 0,05 pontos e indica uma ligeira expansão no texto traduzido.

Por fim, no quinto parágrafo, 4 hexâmetros são traduzidos em 5 decassílabos, resultando em uma média de 1,25 decassílabos por hexâmetro. Essa cifra mostra uma diminuição de 0,15 pontos em relação à meta, expondo uma contração moderada no texto da tradução.

Logo, nota-se que as oscilações na proporcionalidade métrica observada em cada parágrafo são pouco relevantes como desvio quantitativo. Essa constatação se torna bastante evidente ao considerarmos o terceiro parágrafo, que, por sua vez, representa a maior parte da passagem. Nesse excerto, atinge-se exatamente a média ideal de 1,40 decassílabos por hexâmetro, o que demonstra a possibilidade de se manter a meta num trecho mais extenso, em que a complexidade e a riqueza do fluxo poético-narrativo se tornam mais pronunciadas.



Ao analisarmos a proporcionalidade métrica resultante para o trecho completo, que compreende a tradução de 72 hexâmetros em 102 decassílabos, o cômputo global é de 1,41 decassílabos por hexâmetro. Esse número representa um aumento mínimo de 0,01 ponto em relação à meta de referência estabelecida (na prática, um único decassílabo além do resultado ideal projetado). Assim, a variação, embora presente, se mostra bastante controlada, o que aponta para um equilíbrio métrico efetivo. Essa proximidade da média geral aferida com o parâmetro de 1,40 decassílabos por hexâmetro é um indicativo importante de que o fluxo do texto-meta se mantém em harmonia com o andamento expressivo do texto-fonte.

Quanto às leves oscilações em torno da meta proporcional ao longo de toda a passagem, pode-se ponderar que esses desvios são, de um modo geral, deliberados e incorporados como estratégias no desenvolvimento do processo tradutório. Um pequeno aumento na média decassilábica em relação aos hexâmetros pode refletir uma busca pontual por maior clareza expressiva, como, por exemplo, para acomodar um vocábulo específico do latim que não possui correspondência direta em português, ou a necessidade de ajustar a construção poética às exigências formais do texto-meta. Esse ajuste pode enriquecer a leitura ao permitir que nuances semânticas e detalhes significativos do texto-fonte sejam elaborados com mais propriedade e criatividade. Ao mesmo tempo, uma estratégia de expansão pode permitir que a tradução explore melhor o potencial expressivo da língua-meta, destacando eventualmente elementos que requeiram um maior espaço poético. Por exemplo, a expressão em latim [...]. *Quid non mortalia pectora cogis,/ auri sacra fames?* [...] (hex. 56-57) é bastante econômica em sua estrutura, utilizando poucas palavras para transmitir a noção de um poder inescapável da “fome de ouro”, caracterizada como *sacra* no sentido de algo temível e, ao mesmo tempo, sagrado em sua malignidade. A tradução “Ao peito humano quanto não obrigas,/ imortal e maldita fome de ouro!” (dec. 80-81) opta por verter o adjetivo *sacra* como “imortal e maldita”, oferecendo uma nuance interpretativa que potencializa a leitura do texto-fonte. O adjetivo assim composto acrescenta uma dupla camada de significado à “fome de ouro”, conferindo-lhe tanto a ideia de um desejo eterno e inextinguível (imortal), quanto de uma maldição que pesa sobre os seres humanos (maldita). Esse



breve detalhamento expansivo representa com clareza casos em que a adição de certos termos não só preenche a estrutura métrica do decassílabo, mas também procura ampliar o alcance expressivo da tradução.

Por outro lado, uma leve diminuição na proporção métrica pode, em certos momentos, ser igualmente vantajosa, sinalizando uma escolha em favor da concisão. Nesses casos, o texto traduzido pode optar por certa adequação ou acomodação diante de uma necessidade contextual específica, quando eventualmente essa concisão parece mostrar-se mais eficaz para manter o efeito impressivo do texto no fluxo expressivo da narrativa. Por exemplo, na tradução de *Omnibus idem animus, scelerata excedere terra, / linqui pollutum hospitium et dare classibus Austros* (hex. 60-61) por “Todos querem partir da terra infame, / do albergue impuro, e dar à frota os Austros” (dec. 86-87), houve uma considerável contração na proporcionalidade métrica, com 2 hexâmetros sendo traduzidos em 2 decassílabos, ocorrência relativamente rara no processo. Assim, no verso *Omnibus idem animus, scelerata excedere terra*, concisamente traduzido por “Todos querem partir da terra infame”, a ideia de desejo coletivo (*omnibus idem animus*) se exprime simplesmente por “Todos querem”. A escolha por essa expressão sintética e direta preserva o sentido primário do texto-fonte sem adicionar elementos literais que poderiam alongar o texto-meta. Além disso, ao optar por “terra infame” para traduzir *scelerata terra*, e “albergue impuro” para *pollutum hospitium*, fazendo aposição entre “da terra infame” e “do albergue impuro” como complementos de um único verbo (“partir”, que no contexto sintetiza *excedere* e *linqui*), a tradução capta a carga de hostilidade e impureza do lugar, mantendo a densidade da imagem sem comprometer o ritmo decassilábico. Assim, a concisão, nesse caso, pode revelar-se oportuna ao garantir que a precisão dos hexâmetros se traduza com nitidez, resultando em decassílabos enxutos e fluidos, que preservam o sentido de urgência e o desejo de fuga contidos na cena original.

Em suma, embora a proporcionalidade métrica oscile ao longo dos parágrafos, os ajustes são, de modo geral, escolhas que refletem a tentativa de equilibrar uma “fidelidade ideal” ao texto-fonte com os recursos expressivos mobilizados no texto-meta. Essa variação não apenas ilustra a complexidade do processo tradutório, mas ao mesmo



tempo salienta a riqueza do texto latino, cujos acoplamentos entre conteúdo e expressão constantemente suscitam delicadas camadas de significado que demandam ponderação interpretativa. Desse modo, as oscilações métricas trazem à tona o aspecto artesanal da tradução decassilábica, pondo à mostra características orgânicas de seu entretecer.

Referências

CORTE, Francesco della (Org.). *Enciclopedia virgiliana*. Roma: Enciclopedia Italiana, 1984-1991.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 5^a ed. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

THAMOS, Márcio. *As armas e o varão: leitura e tradução do Canto I da Eneida*. São Paulo: Edusp, 2011.

THAMOS, Márcio. O arbusto sangrando à letra: uma experiência de tradução do episódio de Polidoro na Eneida. *Classica – revista brasileira de estudos clássicos*, v. 38, p. 1-14, 2025. DOI: 10.24277/classica.v38.2025.1122.

VERGILIVS MARO, P. *Aeneis*. Recensuit atque apparatu critico instruxit Gian Biagio Conte. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.

VIRGIL. *Aeneid Books III-VI (Conington's Virgil)*. Text and commentary on the *Aeneid* Books III-VI by John Conington reproduced from Volume II of *The Works of Virgil*, fourth edition revised by Henry Nettleship. Exeter: Bristol Phoenix, 2011.

VIRGILE. *Énéide: Livres I-VI*. 9^e éd. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

VIRGILE. *P. Vergili Maronis Opera: Bucoliques, Géorgiques, Énéide*. Texte latin publié d'après les meilleures éditions critiques. Accompagné d'un commentaire philologique et littéraire et d'une carte par Henri Goelzer. Paris: Garnier Frères, 1926.